

Artigo | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

Narrativas de mulheres: possibilidades de ampliação da história local de Arapoti (2005-2024)

Lorena Zomer, Universidade Estadual de Ponta Grossa   

Palavras-chave:

Associação
Quilombola
Família Xavier;
Museu
Imigrante
Holandês;
história oral.

Resumo. Este artigo baseia-se na construção de narrativas de mulheres pertencentes a diferentes descendências étnico-raciais na cidade de Arapoti, localizada no norte do Paraná. Entre elas, destacam-se as integrantes da Associação Quilombola da Família Xavier, a qual vivencia um processo de aquilombamento desde 2005 e obteve reconhecimento oficial como quilombo em 2018. Sua sede localiza-se em um sítio arqueológico tombado pelo Iphan. Outro grupo é composto por mulheres responsáveis pela organização do Museu Imigrante Holandês, que abriga um acervo com mais de 11 mil objetos e cuja catalogação também foi, majoritariamente, conduzida por elas. A formação desse acervo permite refletir sobre o lugar das mulheres como guardiãs da memória, considerando que o espaço doméstico, historicamente associado a elas, foi também espaço de preservação de memórias. Assim, o artigo propõe problematizar as entrevistas dessas mulheres em relação à história local e a outras fontes, contribuindo para a construção de uma história mais plural e diversa.

Keywords:

Xavier Family
Quilombola
Association;
Dutch
Immigrant
Museum; oral
history

[EN] Women's narratives: possibilities for expanding the local history of Arapoti (2005-2024)

Abstract. This article is based on the construction of narratives by women of different ethnic and racial backgrounds in the city of Arapoti, located in northern Paraná. Among them, the members of the Associação Quilombola da Família Xavier stand out, which has been undergoing a process of quilombola settlement since 2005 and was officially recognized as a quilombo in 2018. Its headquarters are in an archaeological site listed by IPHAN. Another group is made up of women responsible for organizing the Museu Imigrante Holandês, which houses a collection of over 11 thousand objects and whose cataloging was also mostly conducted by them. The formation of this collection allows us to reflect on the place of women as guardians of memory, considering that the domestic space, historically associated with them, was also a space for preserving memories. Thus, the article proposes to problematize the narratives of these women in relation to local history and other sources, contributing to the construction of a more plural and diverse history.

Palabras clave

Asociación
Quilombola
Familia Xavier;
Museo
Inmigrante
Holandés;
historia oral

[ES] Las narrativas de las mujeres: posibilidades de ampliar la historia local de Arapoti (2005-2024)

Resumen. Este artículo se basa en la construcción de narrativas femeninas de diferentes orígenes étnicos y raciales en la ciudad de Arapoti, ubicada en el norte del estado de Paraná. Entre ellas, se destacan las integrantes de la Asociación Quilombola de la Familia Xavier, que viene viviendo un proceso de asentamiento *quilombola* desde 2005 y fue reconocida oficialmente como *quilombo* en 2018. Su sede se encuentra en un sitio arqueológico catalogado por el IPHAN. Otro grupo está conformado por mujeres responsables de la organización del Museo Inmigrante Holandés, que alberga una colección de más de 11 mil objetos y cuya catalogación, también, fue realizada mayoritariamente por ellas. La formación de esta colección permite reflexionar sobre el lugar de las mujeres como guardianas de la memoria, considerando que el espacio doméstico, históricamente asociado a ellas, también fue un espacio para la preservación de memorias. Así, este artículo propone discutir las narrativas de estas mujeres en relación con la historia local y otras fuentes, contribuyendo a la construcción de una historia más plural y diversa.

Introdução

Historiadores que vêm trabalhando com a história local de Arapoti, em diversas ocasiões, demonstraram não conhecer o Quilombo Família Xavier e a sua Associação de nome homônimo – até tomarem conhecimento sobre eles nos últimos anos, por meio de entrevistas, reportagens publicadas na internet ou programas de TV. O ponto de partida desta pesquisa foi uma entrevista realizada no ano de 2021 com uma das integrantes do Museu Imigrante Holandês de Arapoti¹. A trajetória da associação em questão passou a ser mais divulgada, a partir de 2018, pelo reconhecimento do quilombo pela Fundação Cultural Palmares e de seu sítio arqueológico na sede da Fazenda Boa Vista, ainda naquele ano².

Arapoti é reconhecida pela imigração holandesa e, juntamente a outras duas cidades que formam a região dos Campos Gerais no Paraná, compõe

¹ Durante uma conversa, a entrevistada mencionou a existência do Quilombo ao falar sobre atividades realizadas de forma conjunta.

² Mais informações disponíveis em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/comunidade-quilombola-familia-xavier-em-arapoti-pr-comemora-reconhecimento-pela-fundacao-cultural-palmares/22905>. Acesso em 2 nov. 2024.

essa espacialidade repleta de lugares de memórias ligados a essa etnia e às suas descendências. Portanto, trata-se de um grupo, cuja imagem, em um primeiro momento, é hegemônica na região e que vem-se conformando na medida em que três museus/espços de memória foram solidificados nas últimas duas décadas. Já o quilombo, como ressaltado, vive um processo do aquilombamento. Por esse conceito, entendo a ideia de se unir, agregar, já que, como resalta Nascimento (2018, p. 2), quilombo significa “união”. Desse modo, aquilombar-se é, também, um movimento cultural e político; trata-se de um processo de identificação de si e de um coletivo com base em representações de sua ancestralidade para compreender o presente e para dispor de expectativas de futuro.

Este trabalho busca compreender como as narrativas e outras fontes referentes aos grupos dessas mulheres permitem pensar em novos (e velhos) lugares de memória, potencializando a história local, enquanto são atravessadas por interseccionalidades. Assim, busco perceber as suas perspectivas de vida e as historicidades, para além do narrado, bem como o ato de nomear um grupo ou um lugar de memória cria e recria a alteridade ontológica e a representação de um grupo (Candau, 2014, p. 63).

Nesse sentido, em um primeiro momento, busco problematizar as relações entre o Museu Imigrante Holandês, o seu acervo e as mulheres que atuam nesse espaço, com o objetivo de discutir os catálogos de fontes organizados por elas.

A escolha de começar por esse grupo justifica-se pelo fato de que o tema do Quilombo Família Xavier chegou a esta pesquisa a partir do contato com as primeiras. Em um segundo momento, abordo a historicidade das mulheres quilombolas por meio de suas narrativas e, por fim, apresento algumas reflexões sobre as aproximações e os distanciamentos entre os grupos.

Arapoti, o Museu Imigrante Holandês e “os lugares de mulheres”

O recorte temporal abordado neste artigo refere-se ao contexto em que foram realizadas as entrevistas com mulheres do Museu Imigrante Holandês de

Arapoti, assim como ao processo de aquilombamento do Quilombo Família Xavier. Um ponto comum é que, de maneira geral, as mulheres sempre estiveram presentes e fizeram parte da história, seja em momentos públicos ou privados, nos mais diversos acontecimentos. No entanto, os seus lugares foram atravessados por questões de classe, etnia, gênero e raça, sendo determinados e julgados, de formas distintas, ao longo de diferentes tempos e espaços históricos.

A princípio, a organização temporal das exposições do museu tinha por objetivo representar a chegada dos imigrantes e o seu período de adaptação – entre as décadas de 1960 a 1980. No entanto, o sentimento de pertença e o desejo de preservar a memória da comunidade que organizou o espaço também influenciaram, diretamente, a sua montagem. Em entrevista, questionei Ana acerca desse processo. O encontro, realizado em 2021, foi o segundo com ela. Ana, nascida na Holanda, chegou à colônia na década de 1980, quando escolheu casar-se com um homem da comunidade holandesa. Ao ser questionada sobre a montagem das exposições, ela respondeu o seguinte:

Nós começamos a montar o Museu pensando principalmente nos primeiros 20 anos da Colônia. Assim, foram pedidos os objetos, as fotos para as pessoas entregarem, às vezes emprestado para nós fazermos cópias. Nós montamos ao redor de uma história, não só colocando objetos qualquer aleatória [...] Mas, fizemos um tipo de história contando quando o pessoal saiu da Holanda, quando chegou aqui [...] (Ana, 2021)³.

Para compor as exposições, tornou-se necessário iniciar um processo de catalogação, trabalho que, segundo a própria diretoria, foi tornando-se, cada vez mais, complexo, a ponto de exigir a atuação de profissionais especializados. No entanto, as lembranças estavam presentes desde o início, estendendo-se por mais de 40 anos, até o momento em que os mais jovens passaram a ser incluídos por meio de fotos e outros eventos. A menção às fotografias merece atenção, pois esses objetos ampliam o recorte temporal da expografia, que, inicialmente, contemplava apenas os primeiros 20 anos (1960-1980), como se

³ Para este artigo, a entrevistada 1 será chamada de Ana. Entrevista realizada por Zomer, Lorena. Arapoti, 2021.

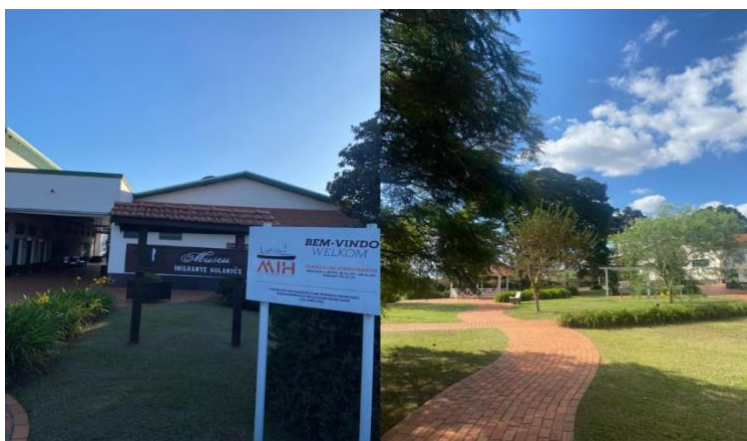
observa na organização do museu. As imagens alcançam até o ano de 2015, funcionando como uma forma de a comunidade reforçar os seus vínculos com esse lugar de memória.

Visual e imaginária, a fotografia permite a introdução dos sujeitos dessa comunidade, cujas trajetórias e historicidades são diversas. Nesse sentido, as imagens funcionam como elementos disparadores de memórias ressignificadas no presente (Hoffman, 2014, p. 74), evidenciando a necessidade de afirmação da memória por parte da comunidade atual da colônia de imigração – mesmo quando essa memória se expressa por meio de imagens dos grupos mais antigos.

A entrevista, nesse contexto, também evidencia os lugares ocupados pelas mulheres na própria organização do museu, na expografia construída por elas e na constituição de um material que compreendemos como arquivo catalogado, repleto de perspectivas de memórias narradas, tanto de forma individual quanto coletiva. A memória individual é compartilhada e delineada a partir dos processos sociais; já a memória coletiva diz respeito à forma como a comunidade elabora e projeta determinadas ideias no processo de rememoração, que pode ser herdado ou ressignificado (Barbosa, 1997).

Assim, momentos e acontecimentos recentes integram, ainda, esse espaço de memória, que possui mais de 30 mil metros quadrados. O seu acervo inclui mais de 4.500 fotografias, centenas de recortes de jornais e objetos diversos, atualmente em processo de curadoria, limpeza e classificação. Esse trabalho, iniciado em 2021, vem sendo realizado por historiadores, arquitetos e museólogos contratados por meio de uma empresa especializada. A empresa recebeu catálogos já prontos –escritos e digitalizados de forma caseira –mas contendo múltiplas informações sobre o acervo, como veremos a seguir.

Figura 1 - Frente do Museu (esquerda). **Figura 2** - Fundos do Museu (direita).



Fonte: Autora (2023).

As imagens acima evidenciam apenas uma parte do que é conhecido como Parque, considerando a sua extensão e a presença de diversas unidades construídas e aproveitadas nesse lugar de memória. O seu nome destaca a descendência holandesa, embora, em uma perspectiva discursiva, esteja mais associado aos homens –como reforça a própria palavra “holandês”. O imigrante típico é representado como trabalhador, branco, europeu, responsável por trazer instituições que contribuíram para o desenvolvimento da região. Contudo, essa narrativa inicial não contempla as mulheres como igualmente trabalhadoras e participantes desse processo, muito menos como curadoras da memória.

Questionar esses lugares, nesse processo de imigração holandesa, não diminui o reconhecimento da importância que essa comunidade conquistou no cenário das disputas por memória. Reconheço, ainda, o valor do espaço, o alto investimento envolvido em sua manutenção e o destaque alcançado na história local. No entanto, afirmo que essa dimensão não representa toda a complexidade dessa história. Apoio-me em discussões de cunho decolonial, nas quais se evidencia como quilombolas, indígenas, caboclos e outros grupos, historicamente, presentes em Arapoti permanecem pouco representados nas exposições. Ainda que se trate de um museu étnico, esses grupos também compõem a história local e têm direito à memória⁴.

⁴ Em processo de pesquisa ainda, eu analiso tanto a trajetória quanto determinadas entrevistas de mulheres do Quilombo Xavier, com o intuito justamente de trazer uma articulação sobre a

Nesse sentido, é fundamental problematizar a existência e o conteúdo da educação museal/patrimonial promovida por esse espaço de memória, bem como a forma como vem sendo conduzida — como se pode observar nas imagens publicadas na página do Museu em redes sociais⁵.

Figura 3 - Crianças visitando o Museu

Figura 4 - Crianças visitando o Museu



Fonte: Redes sociais do Museu (2023)⁶.

O museu, como espaço de memória, produz múltiplos sentidos históricos –para além dos acervos que expõe – a depender da forma como se relaciona com a sua comunidade. As formas como muitas mulheres foram ignoradas ao longo da história, seja na representação dos acervos, seja nos trabalhos de curadoria e direção de museus, revelam um processo que se deu, e ainda se dá, tanto no Brasil quanto no exterior.

[...] são muitos os autores que questionam a legitimidade da fundação de museus das mulheres e de gênero, bem como a aplicação de perspectivas de gênero à museologia atual, ou seja, que se considere a condição feminina como eixo estruturante das coleções, permanentes ou temporárias, de museus e das

presença de mulheres diversas que compõe a História Local de Arapoti. Mais informações em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/comunidade-quilombola-familia-em-arapoti-pr-comemora-reconhecimento-pela-fundacao-cultural-palmares/22905>. Acesso em: 25 out. 2024

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/museu_imigranteholandes/ Acesso em: 25 out. 2024.

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuC2z-nvr-3/?img_index=2 e https://www.instagram.com/p/Cvx6TWNvn5z/?img_index=3 Acesso em: 26 jun. 2025.

atividades desenvolvidas no espaço museal (Vaquinhas, 2014, p. 2).

O que se evidencia é uma perspectiva necessária para se analisar se o trabalho, a direção e a curadoria de museus são, também, compostos pelo olhar de mulheres, a fim de que a representatividade diminua os estereótipos ou mesmo para que elas sejam mencionadas em suas múltiplas formas de existência. Trata-se da museologia de gênero, que defende um papel social e inclusivo para os museus, entendendo-os como “[...] agentes de comunicação e intervenção social, tendo como epicentro o indivíduo e a comunidade, deixando o museu de ser encarado como mero local de armazenamento de coleções ou de memórias” (Vaquinhas, 2014, p. 2). Não menos relevante é a menção à mais recente definição de museu, aprovada em 2022:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento⁷.

Esses princípios estão em consonância com os ideais expressos nos principais documentos que orientam o trabalho museal nas últimas décadas, como a Carta de Santiago do Chile (1972) e a Declaração de Quebec (1984). Ressalto que os museus devem organizar, preservar e divulgar os seus acervos com base em princípios inclusivos, considerando tanto os patrimônios materiais quanto os imateriais, e assegurando a participação das comunidades – ou seja, envolvendo os diversos públicos. Para que tal trabalho seja efetivo e duradouro, é fundamental que existam múltiplas formas de identificação entre o museu e a comunidade à qual ele se relaciona. A museologia de gênero, como destaca

⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/assuntos/noticias/2022/2022-noticias-durante-o-periodo-de-defeso-eleitoral/aprovada-nova-definicao-de-museu> Acesso em: 25 out. 2024.

Vaquinhas, enfatiza, justamente, esse caráter político e social do museu no mundo contemporâneo, com especial atenção à participação e à atuação das mulheres, tanto do passado quanto do presente. Em outras palavras:

[...] valorizar as expressões culturais e artísticas femininas, prestar reconhecimento a todas as mulheres que, ao longo do tempo, constituíram coleções, bem como a todas aquelas que, através do exercício de práticas museológicas, impulsionaram a organização de fundos. Tornar visível o protagonismo feminino aos níveis museal e patrimonial é também entendido como um ato de justiça e um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia participativa (Vaquinhas, 2014, p. 2-5).

De todo modo, entendo que um museu é constituído por camadas de memórias e relações de poder, nas quais narrativas acompanham o acervo e organizam os arquivos. Essas estratégias têm a sua historicidade marcada por questões étnicas, geracionais e de gênero. No que diz respeito a essa última dimensão, muitas mulheres são representadas, principalmente, como mães, esposas e donas de casa. Não se trata de negar ou diminuir essas funções, mas de problematizar o que significam essas funções, mesmo em ambientes privados. Mulheres, quando gerenciadoras do lar, operam como “guardiãs da memória”, não apenas pela administração do espaço doméstico, mas como responsáveis pela construção de memórias relacionadas a objetos e fotografias, que compõem o museu, colaborando, assim, com as narrativas da comunidade.

Mulheres, o Museu Imigrante Holandês e o seu acervo

É importante destacar a questão central das fontes deste artigo: o trabalho das mulheres foi crucial para a organização e a profissionalização do Museu Imigrante Holandês. Esse material, junto ao acervo e às narrativas orais, permite problematizar tanto as linguagens utilizadas quanto o próprio fato museal. Para Waldisa Guarnieri, os objetos de um acervo devem ser analisados considerando sua bidimensionalidade e transdisciplinaridade, levando em conta

os seres humanos em suas sensibilidades, gênero, memória, bem como sua relação com o espaço e o tempo (Guarnieri, 1990, p. 8). Importante ressaltar que, para um debate sobre memória e efetividade das ações de um museu, mais relevante é considerar a forma como o museu interage com o seu público.

Já para Tim Ingold, antropólogo, a arte confere vida a algo que é visível, que possui matéria, forma, atributos, materiais e forças. Esses elementos são ativados pelas forças do cosmos e originam o que chamamos de coisas, conforme são entendidas e utilizadas (Ingold, 2012, p. 26). Os objetos ganham vida na medida em que os seus grupos sociais nos transformam em objetos com significado. Assim, um vidro de compota é apenas um vidro sem a compota e sem estar inserido em um espaço específico; um ferro de passar é somente um objeto de ferro se não estiver relacionado às roupas ou a uma composição específica do acervo. As coisas precisam estar em contato com outras para adquirirem sentido e movimento. Sem conhecer essa composição, o seu contexto, a sua bidimensionalidade e a sua relação com o espaço e o tempo, as coisas são apenas coisas (Ingold, 2012, p. 33-35).

O tema do pote de compota surgiu durante uma conversa após a entrevista de 2021 com Ana, enquanto caminhávamos pelo museu. Nesse momento, ela expôs as suas perspectivas em relação aos objetos. O objeto em questão não era seu e, sequer, foi uma escolha pessoal expor o objeto. Contudo, a forma como, espontaneamente, envolveu a mãe e sorriu, enquanto falava, denunciava perspectivas de memória⁸. Assim, mesmo que a exposição estivesse relacionada a grupos anteriores aos seus, lembro, com base em Menezes (1992), que um grupo é composto por inúmeros indivíduos diferentes, que se comunicam e estabelecem redes de inter-relações estruturadas. O fato de rememorarem e buscarem marcar os seus lugares de memória, como se fossem estáveis, demonstra o quanto a memória é fluida (Menezes, 1992, p. 10). Abaixo, imagens de dois objetos, que passaram por processos de limpeza:

⁸ Pela leveza desse momento, mesmo sem a gravação, optei por usar essa lembrança daquela tarde. Com base em outros autores é possível estabelecer relações entre objetos e a comunidade.

Figura 5 - Ferro de passar**Figura 6 - Fogareiro**

Fonte: redes sociais do Museu (2023)⁹.

Com base no exposto, reitero que a escolha pela criação do museu foi por pessoas que, em geral, não estavam presentes no navio de 1960. Entretanto, o processo de memória ocorre no tempo presente em relação ao passado, respondendo aos anseios do presente. Em um possível recorte temporal, tanto as quilombolas quanto as organizadoras do museu iniciaram os seus trabalhos em um período próximo. Ambos os grupos correspondem, também, a um fenômeno conjugado ao aumento de lugares de memória e coleções institucionais, que só se intensificam no século XXI. Arapoti viveu, portanto, a partir de 2005, esse movimento que tem sido sentido em todo o mundo, e a ação de mulheres de grupos étnicos diversos permite, ainda, pensar em uma diversidade de lugares e espaços de memória.

Diante de uma efervescência da memória, há o acúmulo de objetos e a dificuldade em se debater sobre eles. Para compreender os objetos em suas especificidades, faz-se necessário conhecer a sua performance, o conjunto de relações que os envolve, a sua historicidade, a fim de podermos, como historiadoras, relativizar as noções de real, passado e presente. Nesse sentido, podemos nos perguntar: como o objeto comunica o presente e o passado? Qual é a sua história? Como foi produzido, adquirido, exibido? Qual é a relação entre os agentes envolvidos? O que o objeto provoca?

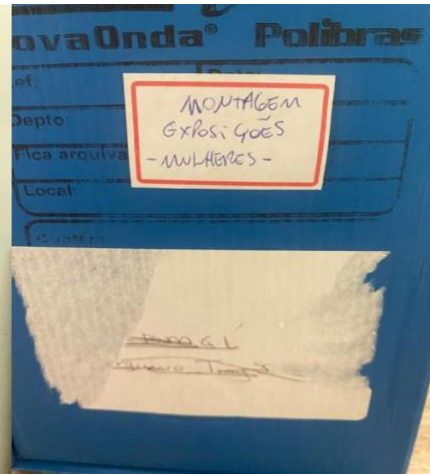
⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/museu_imigranteholandes/ Acesso em: 25 out. 2024.

Essas são perguntas que fazem parte da criação e produção de conhecimento e que devem ser centrais no trabalho de um museu – entendido como fenômeno social e cultural, e não como uma cristaleira de coisas empoeiradas e atemporais. Menezes chama atenção para o trabalho penoso da codificação ao afirmar: “[...] a presentificação da existência neutraliza a construção de sua inteligibilidade. A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto” (Menezes, 1992, p. 14).

Desse modo, é pertinente considerar as entrevistas como formas de potencialização e atribuição de sentido a outras fontes, como aquelas ligadas à cultura material. Sem esse diálogo, haveria uma incompreensão do porquê daquele lugar de memória. Além disso, o contato estabelecido durante a entrevista e o caminhar pelo espaço possibilitou uma articulação entre a experiência e a subjetividade de quem narra e quem escuta.

Por outro lado, o acúmulo de objetos – típico típico do fenômeno da memória no início do século XXI – evidência como o Museu Imigrante Holandês de Arapoti apresenta uma hierarquização ou, mesmo, posições estanques, atribuídas às mulheres, o que se tornou uma inquietação constante durante a pesquisa. Nesse sentido, com base em Paulo Knauss, considero a importância de serem feitas perguntas para compreender as práticas de colecionar: como aquele grupo chegou àquela coleção? Qual a sua coerência, autenticidade, raridade? São questões essenciais para entendê-la no tempo presente (Knauss, 2019, p. 25).

Afinal, são essas indagações que se dirigem tanto aos objetos quanto às entrevistadas. Se o museu sobrevive ao tempo, torna-se íntimo de seu público, legitima um lugar de memória e se consolida como fenômeno, é porque esse mesmo público permite que tais sentidos sejam gerados e ressignificados. Abaixo, apresento parte da estrutura que revela como as organizadoras do Museu Imigrante Holandês catalogaram o acervo e as suas coleções.

Figura 7 - Estante**Figura 8 - Pasta de arquivo**

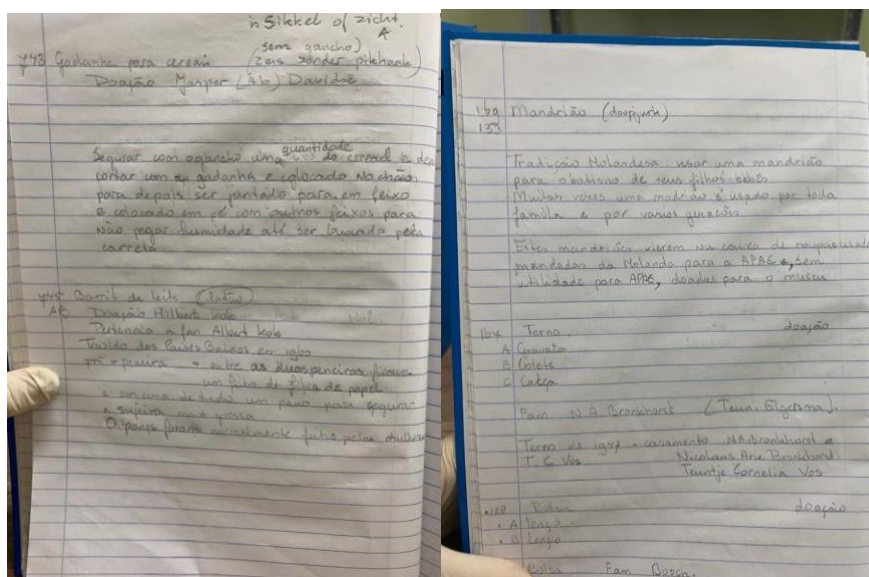
Fonte: autora (2023).

Livros e documentos diversos podem ser encontrados junto à catalogação do acervo. Essa catalogação, embora armadora – xx ou seja, realizada de forma não profissional –, foi essencial para que muitas das questões levantadas trabalho pudessem ser respondidas e viabilizassem análises e pesquisas acerca desse grupo de imigrantes e suas memórias. Nesse contexto, destaca-se o papel das mulheres – em sua maioria – como principais responsáveis pela organização do acervo do museu. As suas relações com esses espaços extrapolam os limites, tradicionalmente, atribuídos ao "mundo privado", demonstrando a sua atuação ativa na construção e preservação da memória coletiva. A seguir, é possível observar como essa organização transcorreu, de forma geral:

naturalizados como seus. Os dados foram registrados de diversas formas: digitalizados, anotados em letra cursiva ou mesmo desenhados, como é o caso da imagem 12, na qual a distribuição de nomes e rostos é feita por meio de um desenho que expressa reciprocidade.

É importante ressaltar que se trata de dezenas de pastas com inúmeras folhas de registro, acompanhadas por outros documentos e fontes também detalhadas. Esses arquivos catalogados são fundamentais tanto para a elaboração do plano museológico¹⁰, recentemente lançado, quanto para a compreensão das disputas e dos debates em torno da memória no contexto da comunidade. Noções de tempo, geração e gênero atravessam as diferentes narrativas, compartilhando, transmitindo e, por vezes, tensionando lembranças – em um processo contínuo de construção da memória partilhada (Barbosa, 1997). Tal perspectiva fica evidente nas imagens dispostas abaixo:

Figura 13 – Folha do arquivo **Figura 14 – Folha do arquivo**



Fonte: Autora (2023).

A primeira descrição, iniciada na quinta linha, refere-se a um galão utilizado para a preservação de cereais, incluindo detalhes sobre os cuidados

¹⁰ Está publicado no site do Museu, referente aos anos de 2021-2030, e dividido por fases, em que a primeira ocorrerá até 2025, quando as primeiras exposições serão apresentadas.

necessários com o material. Em seguida, há a menção ao uso de um barril de leite e, ao se descrever a sua estrutura, a indicação é de que eram, geralmente, as mulheres que confeccionavam os panos utilizados na proteção do leite – ainda que essa atividade estivesse relacionada ao trabalho externo, normalmente atribuído aos homens. O museu, em sua totalidade, evoca uma memória de caráter agrícola, em que as mulheres nem sempre aparecem nos registros ligados ao trabalho fora do lar. No entanto, as entrevistas revelam a sua constante presença, não apenas nas tarefas internas. Se a cooperativa ou as culturas locais prosperaram, isso se deve também ao trabalho feminino e à memória dessas ações – preservada pelas próprias organizadoras desse acervo.

Já a segunda imagem traz um conjunto de informações sobre a parte da exposição que reproduz os primeiros lares dos imigrantes. Nela, é mencionado o mandrião, peça relevante para as análises de cunho religioso, emocional e sensível. No entanto, ressalta-se que o objeto exposto não é o original – informação importante que tende a se perder em razão da ausência de registro formal. Essas duas imagens representam apenas uma amostra das inúmeras páginas que descrevem nomes, objetos, relações de memória com esses objetos e dados técnicos¹¹.

Mesmo com as diferenças que marcam o trabalho do profissional museólogo e do *armador* – aquele que atua de forma não profissional –, existe aqui o princípio da “autoridade compartilhada”. As mulheres (e alguns homens), ao doarem objetos e partilharem as suas memórias, a partir de 2005, contribuíram para a construção de uma memória coletiva, consolidada por essa organização armadora do museu. A “autoridade compartilhada” manifesta-se, também, quando os catálogos organizados majoritariamente por mulheres passam a ser consultados por profissionais, que, em parceria com a comunidade, trabalham na curadoria das exposições. Sobre esse processo, Ana relata:

¹¹ Uma análise mais precisa sobre o que será incorporado ao plano museológico ou como se dará essa “autoridade compartilhada” só poderá ser realizada quando as novas exposições forem efetivamente apresentadas.

Eu sou membro comum e vai ficar por aí. Eu gostaria de sair, porque 16 anos é o suficiente, mas, por enquanto, agora começando a ter consultoria do museu, do museólogo, eu resolvi ficar para acompanhar melhor o serviço e o futuro do museu [...] porque eu sou o membro que ficou mais tempo na diretoria (Ana, 2021).

A narrativa de Ana permite refletir sobre essa interação entre saberes comunitários e profissionais, que pode acarretar diferenças do ponto de vista memorialista, mas revela um trabalho coletivo. Trata-se, inicialmente, de um projeto comunitário, conduzido por uma diretoria composta majoritariamente por mulheres, que elaboram os catálogos e, posteriormente, dialogam com uma equipe especializada.

Além disso, esse processo amplia a compreensão da comunidade para além de estereótipos comuns. As exposições do museu foram (e são) construídas em processo, ressignificando vínculos, fomentando novas formas de identificação e significados (Frisch, 1990) e gerando uma memória partilhada, especialmente pelos mais jovens. Apesar da recorrente invisibilização feminina em espaços sociais e de memória, há, como destaca Vaquinhas, inúmeras menções à presença e ao protagonismo feminino em planos museológicos contemporâneos. Na América Latina e em outras partes do mundo, os museus:

[...] valorizam, sobretudo, o ativismo feminino em favor da independência das novas nações. Destaca-se, ainda, o caso de um museu na República Popular da China, no campo universitário de Changan, em Shaanxi, que releva o papel feminino na luta contra o enfaixamento dos pés (*Women Culture Museum*). Corolário do discurso que visa denunciar a opressão do gênero feminino através da história é a glorificação das mulheres que ganharam protagonismo no imaginário social, criando-se «galerias» de mulheres ilustres em todos estes museus. Alguns destes museus estão associados a movimentos feministas, sendo a sua missão orientada para a sociedade contemporânea, obedecendo a uma (Vaquinhas, 2014, p. 5-7)

São muitas as mulheres – das figuras ilustres às esquecidas, vítimas de violências e opressões de gênero ou silenciadas por representações que não lhes fazem justiça no cotidiano. Nesse sentido, os arquivos e as fontes ligadas ao

Museu Imigrante Holandês de Arapoti permitem refletir sobre como elas vêm narrando e viabilizando as múltiplas memórias, a serem exploradas e expostas, futuramente, pela instituição. Essas fontes não são apenas representantes do passado; são também agentes do presente, que organizam, preservam e reconfiguram sentidos. Da mesma forma, é preciso reconhecer as quilombolas como defensoras e organizadoras de espaços de memória. É sobre elas que trata o próximo tópico.

Uma rede de memórias estabelecida a partir do Museu

Foi em um breve comentário, durante uma entrevista, realizada em 2021, que Ana mencionou a participação de mulheres quilombolas. A imagem seguinte refere-se a um desses encontros promovidos pelo museu. Esses eventos são conhecidos como *Open Day*, sugerindo uma proposta de abertura cultural voltada a toda a comunidade arapotiense — incluindo diferentes etnias e grupos sociais.

A presença de quilombolas nos *Open Days*, do Museu Imigrante Holandês de Arapoti, ainda que mencionada, de forma breve, por Ana, revela uma possibilidade potente de intersecção entre diferentes histórias e experiências de memória no território, cuja pluralidade de sujeitos históricos compõem a região. Ao integrarem esses espaços com as suas práticas culturais e saberes, as mulheres quilombolas não apenas expandem os significados do acervo e da programação do Museu, mas, também, tensionam os limites de uma memória institucional, predominantemente, eurocentrada. Essa atuação nesse contexto indica uma disputa simbólica por visibilidade e voz, contribuindo, assim, para uma prática museal mais inclusiva e enraizada na diversidade local¹².

Divulgados, amplamente, por meio das redes sociais do museu, os *Open Days* estabelecem, ainda, articulações com outras instituições, públicas e privadas, funcionando como espaços de troca, reconhecimento e ampliação dos

¹² Importante pensar em perspectivas que analisem uma museologia decolonial e de gênero, que reconheça camadas de pertencimento e os lugares legítimos de fala na construção das memórias coletivas.

sentidos atribuídos à memória. A participação das mulheres quilombolas nesses eventos sinaliza não somente um gesto de inclusão, mas, igualmente, uma abertura à pluralidade de narrativas e experiências que compõem a história local.

Figura 15 – Dança típica



Fonte: redes sociais do Museu (2023)¹³.

A imagem que retrata um grupo de meninas, possivelmente após uma apresentação de dança em um dos *Open Days* de 2024, ilustra, simbolicamente, a presença e a agência de jovens quilombolas em espaços de cultura e memória, historicamente, pouco acessíveis ou representativos para suas comunidades. Mais do que uma participação pontual, essa imagem pode ser lida como sinal de um processo gradual de inserção e diálogo entre diferentes experiências de pertencimento, que tensionam as fronteiras da memória oficial. Dois anos antes, na “Primavera dos Museus” de 2023 – evento de abrangência nacional que busca fomentar práticas museais participativas – essa aproximação se intensificou por meio de uma visita patrimonial guiada pelos representantes da Família Xavier à sede da Fazenda Boa Vista, hoje reconhecida como sítio arqueológico pelo Iphan. A iniciativa, promovida em parceria entre o museu e a prefeitura de Arapoti, marcou um momento de valorização da memória quilombola no território. Foi a partir desse encontro que se iniciaram as primeiras conversas, as quais me

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C0XnC_OPjt/?img_index=3. Acesso em: 27 jun. 2025.

permitiram a realização de entrevistas com integrantes da comunidade quilombola.

As quatro imagens a seguir documentam essa iniciativa, evidenciando a potência de encontros que visam ressignificar os espaços de memória por meio do reconhecimento e da escuta ativa dos sujeitos históricos até então silenciados.

Figura 16 – Típica construção de Taipa **Figura 17** – Interior da Sede



Fonte: Autora (2023).

Figura 18 – Exterior da Sede **Figura 19** – Grupo participante do “tour”



Fonte: Autora (2023).

Em entrevista, a Carmen, que faz parte da direção da associação e trabalha no comércio de Arapoti¹⁴, relata as seguintes palavras ao ser questionada sobre o porquê da criação da associação:

Nós sentimos a necessidade de resgatar essa história. Nós, enquanto família, ficamos sabendo que lá na Fazenda Boa Vista, lá onde ficam o **casarão e o cemitério seriam mexidos e seriam transformados tudo em plantação**. Aí, meus tios foram até o Incra e lá no Incra foram orientados a procurar o Ministério Público para que a gente conseguisse algum meio para que não fosse mexido lá, no cemitério em específico e no casarão. **Aí fomos orientados a formar uma associação**, porque com uma associação nós teríamos mais voz perante a sociedade [...] (Carmen, 2023, grifo nosso).

O relato de Carmen evidencia como a criação da Associação Quilombola surge de uma urgência: a defesa da memória e do território frente à ameaça concreta de apagamento. A tentativa de transformar a área onde se localizam o casarão e o cemitério da Fazenda Boa Vista em lavoura representa mais do que um conflito fundiário – trata-se de uma disputa pela permanência de marcos materiais e simbólicos da presença negra em Arapoti. Nesse contexto, o gesto de se organizar coletivamente, orientado pelo Incra e consolidado por meio do Ministério Público, não é apenas uma estratégia jurídica, mas uma ação política de resistência. A associação passa a ser um instrumento de voz, de visibilidade e de enfrentamento à lógica excludente, que, por séculos, negou às famílias quilombolas o direito de narrar e preservar sua história.

Ao trazer à tona esse episódio, Carmen também denuncia o modo como o racismo estrutural atua sobre a própria constituição da cultura material: diferentemente do que ocorre com os descendentes holandeses – cujo acervo é mais volumoso e reconhecido institucionalmente –, os vestígios quilombolas são escassos, tanto pela violência histórica da escravidão quanto pela negligência do Estado e da sociedade em preservar tais memórias. O simbolismo de se erguer uma plantação sobre restos materiais de vidas negras é contundente: no lugar da

¹⁴ Carmen. Entrevista realizada por Lorena Zomer, Arapoti, 2023.

memória, a monocultura. Contra esse processo, a fundação da associação é também a fundação de um novo vínculo com o passado – agora ancorado na possibilidade de construir um futuro no qual a história quilombola não esteja mais à margem, mas ocupando o seu lugar legítimo entre os lugares de memória do município.

A associação, hoje liderada por uma maioria de mulheres, configura um ponto de partida e de formação desses elementos que permitem também uma exteriorização da materialidade, a qual, quando associada às práticas identitárias, formam um espaço que, continuamente, permitirá a vivência de tradições em grupo (Candau, 2014). A ideia de resgatar, que poderia ser entendida como uma vontade de verdade como algo mais possível, transparece o processo pelo qual Carmen evidencia estar passando e que, provavelmente, representa esse coletivo. Uma história que é sua, delas e que vem sendo construída. Sobre isso, Laís¹⁵, integrante da direção da associação e trabalhadora do comércio em Arapoti, considera o seguinte:

Eu tenho uma filha de 8 anos, né? A [...] conhece de história, conhece a história porque a gente conta. A gente vai lá no casarão, a gente conta do sino, das paredes, das pedras, do cemitério [...] Mas, ela tá crescendo e ela vai perder o cunho, a memória, quando for ali mais grande. Então nossa intenção como mulher, como quilombo, como família é que a nossa cultura como quilombo não morra [...] Eles colocavam a comida ali, eu imagino que seja um cocho, e geralmente eles contam que os primeiros que chegavam comiam, e já os últimos que eram mais velhos não comiam e era uma lavagem [...] Deparar com uma realidade que é a minha família, a gente fica chocado, como as coisas são mal mensuradas, mal direcionadas (Laís, 2024).

Laís permite-me pensar que esse “aquilombar-se” é um processo de compreensão de si, de seus ascendentes, perspectivas estas que devem se acentuar na medida em que os espaços de memória e patrimoniais passem a ser mais comuns em suas rememorações, assim como os elementos, como a casa, o cocho etc., ou seja, o que Nascimento (1985) ressalta: a união. Importante ressaltar

¹⁵ Laís. Entrevista realizada por Zomer, Lorena, Arapoti, 2024.

que o coletivo tem algumas reuniões anuais, sejam elas religiosas, culturais, que se dão também na sede da Fazenda Boa Vista. Essa era a sede da fazenda que pertencia a Francisco Xavier, governador do estado do Paraná no fim do século XIX, terra esta proveniente de uma sesmaria do século XVII. O que importa é que seus escravizados tinham o sobrenome Xavier e por isso esse é o nome dado a 38ª comunidade quilombola reconhecida pela Fundação Cultural Palmares no Paraná. A fala de Laís revela não apenas um desejo de preservação, mas um ato consciente de transmissão intergeracional da memória – pedagogia do pertencimento que se faz no cotidiano, no corpo a corpo com os lugares e objetos do passado. Ao levar a sua filha até o casarão, ao narrar o que ali aconteceu, Laís inscreve a sua história no presente e projeta-a no futuro. Mas há, também, um alerta: sem apoio institucional, sem a presença dessas histórias no currículo escolar e no debate público, corre-se o risco de que essa memória seja silenciada mais uma vez. O cocho, o sino, o cemitério, elementos que poderiam parecer insignificantes aos olhos de fora, ganham densidade quando compreendidos como parte de uma experiência coletiva marcada por violências, silenciamentos e resistências. A imagem dos mais velhos não se alimentando – sendo os últimos, os esquecidos – ressoa como metáfora das exclusões históricas a que populações negras foram submetidas.

Esse processo de “aquilombamento” (Nascimento, 2018) é, antes de tudo, uma prática política e afetiva. É pela reunião no território ancestral, pela reativação das memórias familiares e pelas ações comunitárias que se fortalece um senso de pertencimento e continuidade. A Fazenda Boa Vista, enquanto espaço material e simbólico, torna-se um território da memória, um ponto de resistência ao apagamento histórico e à mercantilização das terras. A história da comunidade Xavier, portanto, é marcada por camadas: uma fazenda que foi sesmaria, uma sede de poder político no século XIX, um espaço de exploração de pessoas escravizadas – hoje, um lugar de reexistência quilombola, onde o gesto de narrar e de organizar-se, coletivamente, rompe com o silêncio e afirma uma outra história possível, contada pelas mulheres que a viveram e que a sustentam, agora. Nesse sentido, é urgente considerar o quanto a patrimonialização, feita

pela própria comunidade, por meio da associação, desafia modelos oficiais de preservação e aponta para práticas mais inclusivas e plurais de fazer memória.

Ao mesmo tempo, na fala de Laís, é evidente a ausência de um currículo escolar que considere as memórias das minorias locais. Assim, na ausência de políticas educacionais mais diretas sobre o tema, a associação assume mais importância com as suas rodas de conversas, visitas guiadas, além de materiais já publicados por esse grupo. Valorizar essas práticas sejam elas comunitárias, ou de trabalho conjunto a profissionais da Educação, da História ou da Museologia, é permitir que esse grupo ganhe historicidade, que o seu presente repleto de sociabilidades reelabore culturas com práticas identitárias plurais e ligadas à diversidade. Nesse caso, não se trate de um “resgate”, como sugere a entrevista com Carmen, porém um ponto de equidade em uma sociedade desigual. Carmen ressalta algumas dessas dificuldades, bem como a ausência de representações que permitam e tragam mais representatividade:

O que a gente se depara? As pessoas não conhecem, muito, a história dos escravos. Todo mundo pensa que Arapoti foi colonizada por espanhóis, pelos holandeses. Mas, não, teve sim a participação dos escravos. Grande parte do que aconteceu aqui em Arapoti, muito do que aconteceu aqui foi demanda dos escravos não, escravizados (Carmen, 2023).

Ao fim da citação, Carmem muda uma palavra mencionada por ela mesma, a de “escravos” por “escravizados”, isto é, evidencia a ideia de que se trata de algo que não deve ser naturalizado. O que me permite pensar que a sua fala reconhece os preconceitos reafirmados com essa naturalização, a mesma que apenas frisa a presença de imigrantes europeus.

Figura 20 - Cemitério

Fonte: autora (2023).

Na medida em que se analisam as experiências vividas, as entrevistadas constituem uma consciência sobre si e o coletivo, estabelecendo afetos e uma cultura (Barbosa, 1997, p. 295- 297). Ivone Barbosa nos alerta sobre a distância que há entre o vivido e a história decorrente, produzida. A história, nesse caso, é a interpretação das várias falas, documentos e perspectivas levantadas a partir da experiência revelada nos textos ou nos atos constitutivos, que são as entrevistas também. Assim, temos a historicidade de sujeitos, cuja pluralidade resinifica a História Local de Arapoti de acordo com as suas memórias e baseadas nas inquietações do presente.

Considerações

O trabalho com entrevistas de mulheres permitiu não apenas o reconhecimento delas, mas a reflexão sobre os espaços de memória, possibilitando um caminho potente e sensível para compreender as relações e intersecções entre dois grupos étnico-sociais distintos de Arapoti. A despeito dos estereótipos de gênero e de raça que historicamente as atravessam, elas se mostram protagonistas ativas nas disputas por memória, produzindo cultura em seu cotidiano e reivindicando seus lugares nos processos de construção da História Local. São agentes centrais na preservação e ativação de espaços de memória, contribuindo de maneira decisiva para a formação e o fortalecimento

das práticas de educação museal e patrimonial. Por isso, é fundamental ultrapassar camadas hegemônicas — e escutar o que essas experiências têm a dizer. As entrevistas aqui reunidas demonstram como essas mulheres elaboram formas de contar sobre si, sobre suas famílias e comunidades, ampliando o leque de fontes sobre o passado e oferecendo novas chaves de leitura para a história da região. Ao ouvir as histórias do quilombo Xavier e às ligadas ao Museu Imigrante Holandês, e ao analisar parte da cultura material relacionada a essas trajetórias, é possível perceber formas distintas de apropriação dos espaços, bem como modos diversos de viver e representar a memória, ainda que em tempos e contextos não coincidentes. Essas narrativas abrem possibilidades para se pensar os espaços de memória e os museus não apenas como repositórios do passado, mas como instâncias vivas, que precisam produzir sentidos, dialogar com seus públicos e promover ativamente a diversidade e a inclusão. Afinal, como mostram essas mulheres, a memória não é apenas aquilo que se guarda, mas aquilo que se luta para manter vivo.

Referências

Entrevistas

Ana. *Entrevista 1*. [set. 2021]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti, 2021.

Carmen. *Entrevista 2*. [out. 2023]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti, 2023.

Laís. *Entrevista 3*. [set. 2024]. Entrevista concedida a Lorena Zomer. Arapoti, 2024.

Bibliografias

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. *Rev. Bras. De Hist.*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 293-305, 1997.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

FRISCH, Michael. Oral History and 'Hard Times': A Review Essay. *In*: FRISCH, Michael. *A Shared Author-ity: Essays on the Craft and Meaning of Oral and*

Public History. Albany, NY: State University of the New York Press, 1990. p. 5-14.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos – IBPC*, Rio de Janeiro, p. 7-11, 1990.

HOFFMAN, Maria Luisa. Fotografia, gatilho de memórias. In: BONI, Paulo Cesar (org.). *Fotografia: usos, repercussões e reflexões*. Londrina: Midiograf, 2014. p. 69-96.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emanharados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

KNAUSS, Paulo. Museus para se pensar o presente em perspectiva histórica. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (org.). *História Pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 139-153.

MENEZES, U. T. B. A exposição museológica: reflexões sobre os pontos críticos da prática contemporânea. *Ciências em Museus: Museu Paraense Emílio Goeldi*, Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, n. 4, p. 103-127, 1992.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodíaspóra*, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, Maria B. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Diáspora Africana; Editora Filhos da África, 2018.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. *MIDAS [Online]*, 2014. Disponível em: <http://midas.revues.org/603>. Acesso em: 27 jun. 2025.